

#### **4. S. VICENTE**

##### **Caracterização Geral**

A ilha de S. Vicente faz parte do grupo de barlavento do arquipélago de Cabo Verde. Apresenta uma configuração um pouco alongada no sentido W-E e dimensões máximas de 29.5 km desde a Ponta Machado à Ponta Calhau e de 16.5 no sentido N-S, desde a Ponta João Évora até à Ponta da Calheta Grande, no extremo meridional. A morfologia geral da ilha caracteriza-se pela existência de superfícies de aplanção, relevos intermédios e cercadura montanhosa onde se insere Monte Verde, zona mais beneficiada pela humidade transportada pelos ventos húmidos e queda de chuvas, sendo por isso o espaço onde se concentra a maior parte da vegetação natural da ilha.

Atendendo a critérios como qualidade e quantidade da sua vegetação, foram seleccionadas as áreas de Monte Verde (devido à sua diversidade florística) e Ribeira de Vinha, devido à sua vegetação natural específica, como espaços naturais a serem protegidos.

## 4.1. MONTE VERDE

**Estatuto de protecção proposto:** Parque Natural

**Justificação do estatuto de protecção proposto**

- Monte Verde é a única amostra de ecossistemas de zona sub-húmida existente em S. Vicente;
- Todas as espécies e comunidades da flora autóctone de S. Vicente estão concentradas nessa área;
- Do total de 93 espécies inventariadas, 17 (35% das espécies introduzidas) fazem parte da Lista Vermelha de S. Vicente;
- Os vestígios das grandes comunidades vegetais, continuam fortemente ameaçados pela prática de agricultura;
- É a zona com melhores condições naturais para a prática do turismo de montanha;
- Constitui uma amostra de ecossistemas onde o homem pode harmonizar três vertentes: *sobrevivência* ← *recursos naturais* → *desenvolvimento sustentável*.

**Localização geográfica:** Monte Verde está situado na parte nordeste de S. Vicente, entre as coordenadas 24° 55' 30'' e 24° 57' W e 16° 52' e 16° 53'' N.

**Delimitação indicativa da área proposta para protecção**

O futuro Parque Natural de Monte Verde deverá englobar o planalto situado entre 650 e 750 m, e as encostas acima de 500 m de altitude (vertentes envolventes do Monte Verde).

### 4.1.1. Caracterização geral

#### *Geomorfologia*

Monte Verde faz parte de uma cercadura montanhosa, que representa os restos de uma primitiva bordeira, cujos pontos culminantes são os montes Verde e Madeiral, com cerca de 750 m e 680 m, respectivamente. Sob o ponto de vista climático, Monte Verde beneficia de condições climáticas típicas das zonas sub-húmidas, representando por isso um dos aspectos mais contrastantes da ilha de S. Vicente. Na sua plataforma de topo, inclinada a NE, proporciona-se um meio favorável à incidência da humidade, factor responsável pela existência de um quadro paisagístico que contrasta com a aridez das restantes zonas da ilha.

Sob o ponto de vista geológico, Monte Verde é formado por tufos vulcânicos recortados por filões basálticos.

Os seus solos são, mais ou menos espessos, na plataforma de topo, de tufos, com densa pedregosidade relacionada com os filões e originários de tufos vulcânicos. Factores como a distribuição irregular das precipitações e ventos fustigantes podem limitar o desenvolvimento

das culturas agrícolas. A altitude e a exposição propiciam uma precipitação oculta durante a maior parte do ano, permitindo a instalação de espécies de vegetação natural (endemismos e espécies mediterrânicas europeias) e desenvolvimento de espécies agrícolas e hortícolas, como milho, batata-doce, batata-comum, couve, cenoura e alface.

#### *Ocupação dos solos*

Os solos do Monte Verde estão na sua maior parte ocupados com a agricultura de sequeiro. Na plataforma do topo, zona sub-húmida, próxima do ponto mais alto (750 m), mais beneficiada pelas precipitações ocultas, a agricultura de sequeiro contempla as culturas de milho, batata-doce, batata-comum, alface e couve. Nalguns locais muito próximos ao ponto mais alto, aparentemente sem grandes intervenções humanas, ainda encontram formações vegetais com exemplares dispersos de espécies autóctones.

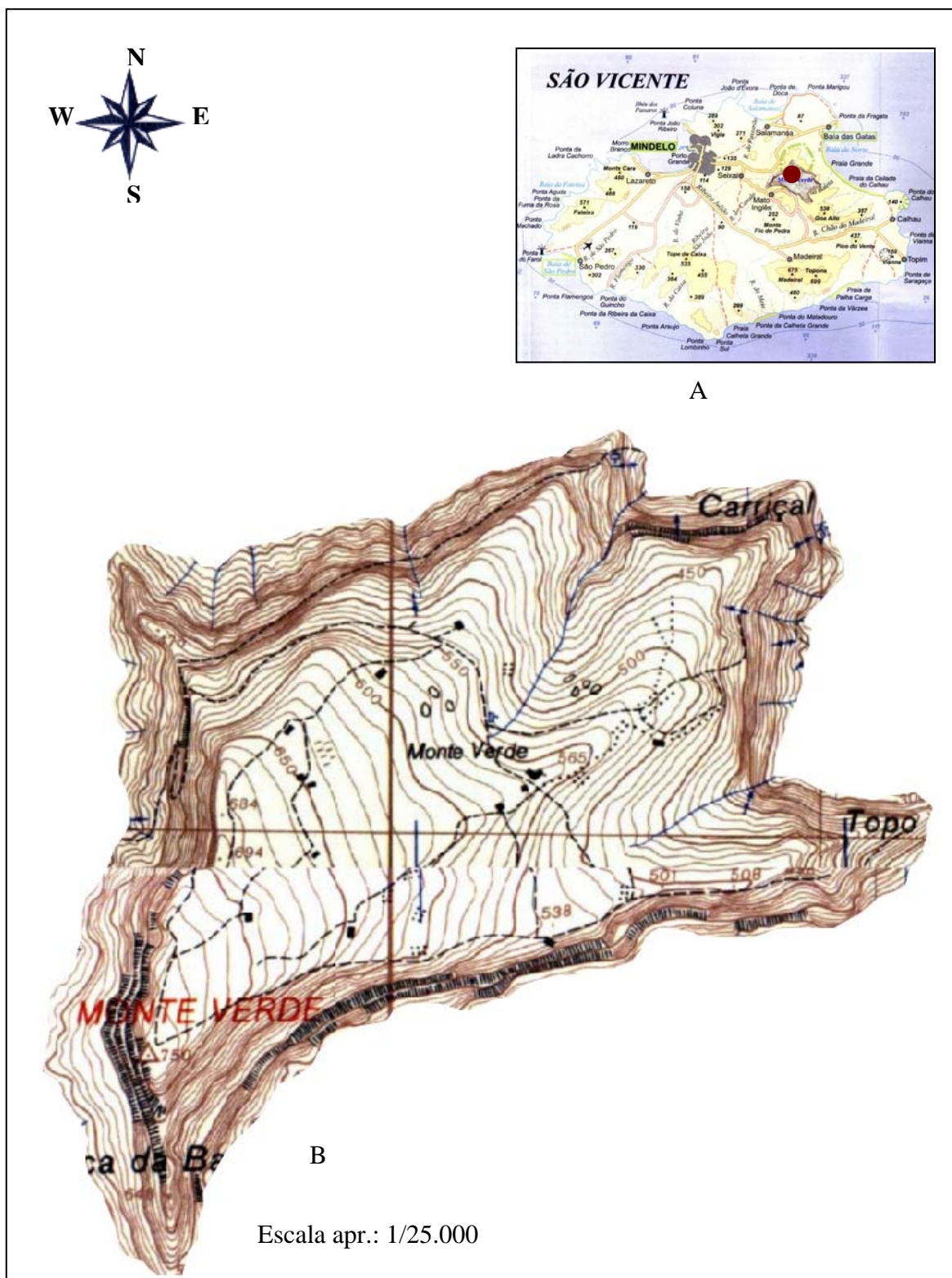


Fig. 4.1.1. A – Localização geográfica de Monte Verde na ilha de S. Vicente.  
B – Delimitação da Área de Monte Verde na carta topográfica 1:25000.

#### 4.1.2. Recursos Biológicos

##### Flora e Vegetação

###### *Vegetação autóctone original*

A composição florística actual de Monte Verde e a literatura permitem fazer a reconstituição da vegetação original dessa área. Segundo Krause (1892, citado por Gomes *et al. in print*), *Euphorbia tuckeyana* era a espécie que cobria a encosta Norte do Monte Verde a partir dos 400 m para cima. Ele descreve exemplares com 1-2,5 m de altura e 7-10 cm de diâmetro na base, que constituíam florestas consideráveis. *Aenium gorgoneum*, *Campanula jacobaea*, *Campylanthus glaber* ssp. *glaber* (Alecrim-brabo), *Conyza pannosa* (Tábua), *Echium stenosiphon* ssp. *stenosiphon* (Língua-de-vaca), *Paronychia illecebroides* (Palha-formiga), *Tornabenea insularis* (Aipo) e *Verbascum capitis-viridis* (Sabão-de-feiticeira) eram as espécies acompanhantes. Esta última, actualmente está extinta em S. Vicente.

Chevalier (1935, citado por Bystrom, 1960), diz ter visto alguns raros exemplares de *Dracaena draco* nos rochedos de Monte Verde ("quelques rares exemplaires se voient encore sur les rochers de Monte Verde"). Actualmente *Dracaena draco* está extinta na ilha de S. Vicente. A parte mais ou menos plana (plateau do Monte Verde) inserida entre 650 e 750 metros, tinha uma vegetação arbustiva, característica de zona húmida, mais densa, constituída por *Nauplius daltonii* ssp. *vogelii* (macelinha) *Echium stenosiphon* ssp. *stenosiphon* (Língua-de-vaca), *Conyza varia*, *Aeonium gorgoneum* (Saião), *Campanula jacobaea* (Contra-bruxa-azul), *Diplotaxis vogelii* (Mostarda) e *Davallia canariensis* como espécies dominantes.

*Limonium jovi-barba* (Carqueja), era a espécie característica das encostas e escarpas inseridas entre 500 e 750 m de altitude. Como espécies acompanhantes apontavam-se *Sonchus daltonii* (Coroa-de-rei), *Aeonium gorgoneum*, *Adiantum capillus-veneris*, *Lobularia canariensis* ssp. *spathulata* (Sempre-noivinha), *Launaea picridioides*, *Lotus* sp. e *Forsskaolea procrifolia* (Urtiga).

As ribeiras que sobem em direcção a noroeste e a nordeste, comportam, devido ao seu alto teor em humidade, uma outra vegetação na qual também estavam representadas, entre outras árvores, *Sideroxylon marginata* (Marmolano). Ainda hoje existem indivíduos dessa espécie nas encostas voltadas a noroeste.

###### *Vegetação actual*

As encostas acessíveis da região de Monte Verde, foram na sua quase totalidade, ocupadas com agricultura de sequeiro. O suposto povoamento de *Euphorbia tuckeyana* que cobria a encosta Norte, a partir dos 400 m, foi completamente devastado, provavelmente, pelo homem, através de corte de lenha e disponibilização de espaço para a prática de agricultura. Essas acções nefastas, aliadas à erosão eólica, característica de Monte Verde, e à seca, terão contribuído para a actual nudez dos solos dessa zona. As espécies acompanhantes, que no passado deveriam cobrir as encostas, actualmente só se encontram, em quantidades reduzidas, nas escarpas. Assim nas zonas inacessíveis encontra-se ainda uma vegetação típica constituída por *Limonium jovi-barba* (Carqueja), *Sonchus daltonii* (Coroa-de-rei), *Lobularia canariensis* ssp. *fruticosa* (Sempre-noivinha) e *Campylanthus glaber* ssp. *spathulata* (Alecrim-brabo).

Nas encostas íngremes e escarpadas, são muito representativos os povoamentos de *Furcraea foetida* e *Lantana camara*. Nalguns locais pontuais dessas encostas observaram-se alguns exemplares de *Sideroxylon marginata* (Marmolano).

Na zona correspondente ao cimo do Monte Verde, exposta a N-NE, a cerca de 700 m, onde a vegetação natural está sob a pressão da agricultura e espécies invasoras (*Furcraea gigantea* e *Lantana camara*) encontram-se nos muros de conservação do solo e em fendas de rochas superficiais, diversos exemplares de *Launaea picridioides*, *Campanula jacobaea*, *Nauplius daltonii* ssp. *vogelii* (Macela), *Aeonium gorgoneum*, *Tornabenea insularis*, *Asplenium aethiopicum*, e *Davallia canariensis*. Na zona destruída para a instalação das antenas e outros dispositivos das Telecomunicações encontram-se ainda formações vegetais constituídas por *Echium stenosphon* ssp. *stenosphon* (Língua-de-vaca) e *Nauplius daltonii* ssp. *daltonii* (Macela), acompanhadas por *Aizoon canariensis*, *Conyza bonariensis*, *Cynodon dactylon* e *Eleusine indica* (quadro 4.1.1.).

## Fauna

A fauna de Monte Verde é relativamente pobre. Os vertebrados estão representados por répteis e aves. *Mabuya* é o único género representante dos répteis. A classe de aves está representada por alguns casais de *Falco tinnunculus* (Fili) e *Corvus ruficollis* (Corvo). As escarpas oferecem boas condições à nidificação do *Falco tinnunculus*. Monte Verde foi, possivelmente, o único local onde antigamente se encontravam *Sylvia atricapilla* (Toutinegra) e *Coturnix coturnix* (Codorniz). Actualmente uma dessas espécies, *Sylvia atricapilla*, está extinta e a outra é dada como desaparecida. A degradação da vegetação de Monte Verde é geralmente apontada como uma das causas do desaparecimento das populações dessas espécies.

### 4.1.3. Razões e acções de Conservação de recursos biológicos

A inserção de Monte Verde numa ilha com uma população maioritariamente urbana (a população rural é inferior a 10%), deveria contribuir para a minimização da pressão sobre os seus recursos fitogenéticos. Esses assumiriam um papel secundário na sobrevivência humana. No entanto as boas potencialidades agrícolas das terras de Monte Verde (solos espessos beneficiados por precipitações pluviosas, de valores relativamente elevados e precipitações ocultas), são factores que sobrevalorizam as terras dessa área, contribuindo para a concentração de um número relativamente elevado de agricultores e criadores de gado sobre essas terras. Neste contexto, e atendendo a relação muito estreita entre a agricultura e a pecuária, neste caso concreto, o corte de pasto e da lenha, Monte Verde é considerado o centro onde os recursos fitogenéticos são sobrevalorizados e sobreexplorados. A semelhança do que acontece nas outras ilhas as espécies vegetais são utilizadas na alimentação do homem e do gado, na medicina tradicional e, em casos pontuais, na produção da lenha para as lides de culinária.

### *Espécies utilizadas como forrageiras*

Das espécies inventariadas no Monte Verde, 35 (38%) são utilizadas na alimentação do gado bovino e caprino. Dessas espécies, as de maior valor nutritivo são às pertencentes às famílias *Fabaceae* (leguminosas) e *Poaceae* (gramíneas), sendo *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf, *Heteropogon contortus* (L.) PB. ex Roem. et Schult. e *Lotus* sp., as espécies mais preferidas. No entanto outros representantes, designadamente, *Tornabenea insularis* (Aipo) e *Sonchus oleraceus* de famílias como *Apiaceae* e *Asteraceae* são largamente utilizados como forragem. A modalidade de exploração dessas espécies, geralmente, seguida pelos criadores de gado é o corte de pasto.

### *Espécies utilizadas na medicina tradicional*

No quadro 4.1.1. assinalam-se as espécies actualmente utilizadas na medicina tradicional em S. Vicente e outras citadas pela literatura como plantas aplicadas noutras ilhas e regiões, no tratamento de doenças. Das 93 espécies inventariadas na zona, 24 são conhecidas como plantas dotadas ou supostamente dotadas de propriedades curativas. Dessas, as mais utilizadas são Lisbon (*Lavandula rotundifolia*, utilizada no combate à febre, Alecrim-brabo (*Campylanthus glaber* ssp. *glaber*), aplicada na cura de dores musculares, e Aipo/funcho (*Tornabenea insularis*), utilizada no tratamento do sarampo. Existem ainda outras espécies como *Acanthospermum hispidum* (Nhara-saquedo/mané-gatim), saião (*Aeonium gorgoneum*), e Printchera (*Cassia bicapsularis*), cujas propriedades curativas ainda não são conhecidas em S. Vicente, apesar de serem utilizadas noutras ilhas, designadamente, S. Nicolau e Santiago, no tratamento de febre tifóide, gripe, bronquite e alívio da asma.

Contrariamente ao que vem acontecendo noutras zonas, nomeadamente as de Santo Antão e Santiago, não se confirmou no terreno, a pressão da medicina tradicional sobre essas espécies. As espécies postas à venda no mercado municipal de S. Vicente são provenientes da ilha de Santo Antão. A utilização da vegetação de Monte Verde para efeitos fisioterapêuticos restringe-se aos agricultores que utilizam a área para a prática de agricultura de sequeiro.

Quadro 4.1.1. Lista de espécies de plantas angiospérmicas inventariadas na área de Monte Verde - S. Vicente. As espécies forrageiras e as utilizadas na medicina tradicional estão assinaladas com **pontos negros**. Os endemismos estão assinalados a negrito.

	Nome vernáculo	Forrageiras	Medicinais
<i>Acanthospermum hispidum</i>	nhara-saquedo		•
<i>Adiantum capillus-veneris</i>	-		
<b><i>Aenium gorgoneum</i></b>	saião		•
<i>Ageratum conyzoides</i>	-		•
<i>Aizoon canariensis</i>	-		
<i>Alternanthera caracasana</i>	mon-na-pé		
<i>Alternanthera pungens</i>	-		
<i>Apium graveolens</i>	-		
<i>Argemone mexicana</i>	cardo-santo		•
<i>Arthraxon lancifolius</i>	-	•	
<i>Asparagus scoparius</i>	espargo		
<b><i>Asparagus squarrosus</i></b>	espargo		
<i>Bidens biternata</i>	seta	•	
<i>Asplenium aethiopicum</i> var. <i>braithwaitii</i>	-		
<i>Bidens pilosa</i>	seta	•	•
<i>Boerhavia difusa</i>	costa-branca	•	•
<i>Boerhavia repens</i>	costa-branca	•	
<i>Bothriochloa bladhii</i>	-	•	
<i>Bothriochloa pertusa</i> var. <i>panormitanus</i>	-	•	
<b><i>Brachiaria lata</i> ssp. <i>caboverdeana</i></b>	-	•	
<i>Brassica nigra</i>	-	•	•
<i>Calendula arvensis</i>	-		
<b><i>Campanula jacobaea</i></b>	dedal		
<b><i>Campylanthus glaber</i> ssp. <i>glaber</i></b>	-		•
<i>Cassia bicapsularis</i>	jardim		•
<i>Cenchrus ciliaris</i>	palha-grossa	•	
* <i>Chloris virgata</i>	balanca	•	•
<i>Comycarpus helena</i>	mato-branco	•	
<i>Conyza bonariensis</i>	-		
<b><i>Conyza feae</i></b>	-		•
<b><i>Conyza pannosa</i></b>	-		
<b><i>Conyza varia</i></b>	-		
<i>Coriandrum sativum</i>	-		
<i>Coronopus didymus</i>	-		
<i>Crotalaria senegalensis</i>	ovo-de-rato	•	
* <i>Cynodon dactylon</i>	grama	•	•
<i>Cyperus laevigatus</i>	junça		
<i>Cyperus alternifolius</i>	junça		
<i>Cyperus esculentus</i>	junça		
<i>Davalia canariensis</i>	-		
<i>Desmanthus virgatus</i>	caiumbra	•	
<i>Digitaria nodosa</i>	-	•	



Quadro 3.1.1. (cont.). Lista de espécies de plantas angiospérmicas inventariadas na área de Monte Verde – S. Vicente. As espécies forrageiras e as utilizadas na medicina tradicional estão assinaladas com **pontos negros**. Os endemismos estão assinalados a negro.

	Nome vernáculo	Forrageiras	Medicinais
<i>Diplotaxis vogelii</i>	-	●	
<i>Echium stenosiphon</i> ssp. <i>stenosiphon</i>	lingua-de-vaca		●
<i>Eleusine indica</i>	-	●	
<i>Elionurus royleanus</i>	-		
<i>Equisetum ramosissimum</i>	-	●	●
<i>Eragrostis barrelieri</i>	-	●	
<i>Euphorbia inaequilatera</i>	-		
<b><i>Euphorbia tuckeyana</i></b>	tortolho		
<i>Euphorbia heterophylla</i>	travador		
<i>Fagonia isotricha</i>	-	●	
<i>Ficus</i> sp.	figueira		
<b><i>Forsskaolea procrdifolia</i></b>	rafa-saia		●
<i>Furcraea gigantea</i>	carrapato		
<i>Heteropogon contortus</i>	-	●	
<i>Hyparrhenia hirta</i>	-	●	
<i>Hypodematium crenatum</i>	-		
<i>Ipomoea</i> sp.	lacacã	●	
<i>Juncus acutus</i>	-		
<b><i>Kickxia webbiana</i></b>	-		●
<i>Lantana camara</i>	lantuna		●
<i>Launaea intybacea</i>	-		
<b><i>Launaea picridioides</i></b>	-		
<i>Lavandula stricta</i>	licrim		
<b><i>Lavandula rotundifolia</i></b>	-	●	●
<i>Leucaena leucocephala</i>	leucena	●	
<b><i>Limonium jovi-barba</i></b>	-		
<b><i>Lobularia canariensis</i> ssp. <i>spathulata</i></b>	-		
<i>Lotus</i> sp.	piorno	●	
<i>Malvastrum americanum</i>	lolo		
<i>Malvastrum coromandelianum</i>	lolo-de-burro		
<i>Mentzelia aspera</i>	-		
<b><i>Nauplius daltonii</i></b>	-		
<i>Nicotiana glauca</i>	charuteiro		●
<i>Odontospermum</i> sp.	-	●	
<i>Parietaria punctata</i>	-		
<b><i>Paronychia illecebroides</i></b> (Chr. Sm. ex Webb) Webb	-		●
<i>Pennisetum</i> sp.	-	●	
<i>Phragmites australis</i>	-		
<i>Phyllanthus</i> sp.	-		
<i>Pycreus polystachyos</i>	-		
<i>Setaria pumila</i>	-	●	
<i>Sida urens</i>	-		

Quadro 3.1.1. (cont.). Lista de espécies de plantas angiospérmicas inventariadas na área de Monte Verde - S.Vicente. As espécies forrageiras e as utilizadas na medicina tradicional estão assinaladas com **pontos negros**. Os endemismos estão assinalados a negrito.

	Nome vernáculo	Forrageiras	Medicinais
<i>Sideroxylon marginata</i>	marmolano	•	•
<i>Setaria verticilata</i>	pega-saia	•	
<i>Solanum nigrum</i>	-		•
<i>Sonchus daltonii</i>	-	•	•
<i>Sonchus oleraceus</i>	-	•	
<i>Tornabenea insularis</i>	-	•	•
<i>Trachynia distachya</i>	-		
<i>Trichodesma africanum</i>	taliano		

#### *Endemismos e espécies ameaçadas de extinção*

O elevado número de espécies ameaçadas é um importante indicador da forte degradação da vegetação da Zona de Monte Verde. Sabe-se, através da literatura, que três espécies, outrora existentes na ilha e na Zona, estão actualmente extintas (Gomes *et al. in print*). *Tolpis farinulosa*, observada na ilha, no século XIX, está na Primeira Lista Vermelha de Cabo Verde, classificada como espécie desaparecida (PA). A percentagem de extinção de espécies ameaçadas ou seriamente ameaçadas é maior do que em qualquer das outras ilhas (5 espécies ameaçadas de extinção, 4 seriamente ameaçadas (quadro 4.1.2.).

Quadro 4.1.2. Lista das espécies ameaçadas colhidas na área. As espécies endémicas estão assinaladas a negrito.

Espécie	Grau da Ameaça Cabo Verde	Grau da Ameaça S. Vicente
<i>Aeonium gorgoneum</i>	LR	EN
<i>Campylanthus glaber ssp. glaber</i>	VU	EN
<i>Conyza feae</i>	EN	EX
<i>Conyza pannosa</i>	EN	CR
<i>Conyza varia</i>	EN	EX
<i>Davallia canariensis</i>	R	R
<i>Brachiaria lata ssp. caboverdiana</i>	VU	VU
<i>Diploaxis vogelii</i>	I	I
<i>Dracaena draco</i>	EN	CR
<i>Echium stenosphon ssp. stenosphon</i>	LR	VU
<i>Equisetum ramosissimum</i>	LR	R
<i>Euphorbia tuckeyana</i>	VU	CR
<i>Lavandula rotundifolia</i>	LR	EN
<i>Limonium jovi-barba</i>	R	R
<i>Lobularia canariensis ssp. spathulata</i>	I	VU
<i>Nauplius daltonii ssp. vogelii</i>	LR	EN
<i>Sideroxylon marginata</i>	EN	CR
<i>Sonchus daltonii</i>	I	CR

EX – espécie já extinta; CR – espécies em perigo crítico; EN – espécies em perigo;

R – espécies raras; VU – espécies vulneráveis; LR – espécies de baixo risco de extinção;

I – espécies em situação indeterminada.

#### 4.1.4. Acções Antrópicas sobre a Biodiversidade

Das formas de actuação do homem sobre os recursos biológicos (directa e indirecta), a agricultura e as espécies exóticas introduzidas são os factores antrópicos que maior pressão exercem sobre a vegetação natural da área.

##### *Agricultura*

As boas potencialidades agrícolas do Monte Verde, inexistentes noutras zonas da ilha de S. Vicente, fazem dessa área o local preferido para a prática de vários tipos de cultura, nomeadamente, milho, batata-doce e batata-comum. São modalidades de culturas que implicam o desbravamento de terras e a conseqüente remoção da vegetação natural. A existência de exemplares dispersos de coroa-de-rei (*Sonchus daltonii*), língua-de-vaca (*Echium stenosphon*), saião (*Aeonium gorgoneum*), contra-bruxa-azul (*Campanula jacobaea*), sempre-noivinha (*Lobularia canariensis* ssp. *fruticosa*) no cume do Monte Verde, em muros construídos para a conservação dos solos agrícolas e a intensa propagação de aipo (*Tornabenea insularis*) em parcelas, temporariamente incultas, permitem deduzir a existência, no passado, de importantes comunidades vegetais, constituídas por essas e outras espécies características de zonas subhúmidas. Foi destruída, em 1991, no cume de Monte Verde, uma área com cerca de 1 ha, antes coberta por uma importante comunidade de espécies endémicas, para a prática de agricultura. Foi, com o mesmo objectivo, destruído o coberto vegetal de uma das parcelas das encostas mais acessíveis onde existiam agrupamentos de espécies como *Sonchus daltonii*, *Aeonium gorgoneum*, *Echium stenosphon*. Apesar da agricultura continuar a ser praticada nessa área com a mesma intensidade e com as mesmas técnicas tradicionais, existem indicadores, como p. ex. o denso coberto vegetal dos muros de protecção do solo, que atestam a possibilidade de regeneração da vegetação natural, caso houver a mudança de atitude dos agricultores e proprietários das terras de Monte Verde. Tal mudança de atitude deverá consistir na substituição das culturas de milho, batata-doce e batata-comum por outras, cuja técnica de produção não envolvam o desbravamento de terras.

##### *Espécies introduzidas*

À semelhança do que acontece noutras áreas, designadamente, Moroços em Santo Antão, Monte Gordo em S. Nicolau, Serra da Malagueta e Serra de Pico de Antónia em Santiago, Monte Verde apresenta uma flora alóctone (espécies introduzidas) com coberturas total e específica muito mais elevadas que as da flora autóctone (espécies endémicas). As espécies introduzidas que mais se manifestam são *Lantana camara* (lantuna) e *Furcraea foetida* (carrapato). As encostas expostas a noroeste e a sudoeste estão na sua quase totalidade cobertas por essas duas espécies. A vegetação natural está representada por exemplares estiolados e dispersos de *Echium stenosphon*, *Aeonium gorgoneum*, *Euphorbia tuckeyana*, e *Lotus* sp.. Na parte terminal do cume, entre 700 e 750 metros, as duas espécies invasoras não permitem o desenvolvimento e propagação de nenhuma espécie da vegetação natural.

#### **4.1.5. Actividades alternativas geradoras de rendimento**

##### *Turismo baseado na natureza*

Monte Verde, situado entre 500 e 750 m de altitude, constitui um observatório natural de referência para a prática do turismo de montanha. Raros são os locais dentro da ilha onde se consiga ter uma bacia visual que englobe vários aspectos de entre os quais ilhas e ilhéus. Dado a sua exposição estratégica, nordeste da ilha, o seu isolamento faz com que ele adquira esse carácter de individualizar a beleza e o horizonte que envolve a própria ilha. Daí a sua preservação e valorização por parte das autoridades e dos habitantes de S. Vicente para que essas potencialidades prevaleçam a favor da satisfação das necessidades das comunidades envolventes.

##### *Gestão de espécies exóticas introduzidas como actividade geradora de rendimento*

Considerando a natureza da população de S. Vicente, na sua quase totalidade urbana, deduz-se que as possibilidades de utilização do carrapato e da lantuna como material de construção de habitação e combustível são aparentemente muito remotas. Tal dedução foi comprovada no terreno, através de informações recolhidas junto de alguns proprietários e utilizadores das terras. No entanto foi identificada uma Galeria de Arte, situada no centro da Cidade do Mindelo, cujos proprietários estão dispostos a utilizar o carrapato como matéria prima, devendo ser acertadas com essa Galeria as modalidades de gestão desse recurso.

#### **4.1.5. Acções imediatas de Conservação**

As acções de conservação de Monte Verde devem ter como objectivo global a recuperação da vegetação original da área.

A recuperação da vegetação natural do “plateau”, espaço, actualmente ocupado com culturas de agricultura de sequeiro e hortícolas, inserido entre 650 e 750 metros, deve constituir o primeiro objectivo específico a ser materializado a curto prazo.

A concretização deste objectivo pressupõe a resolução do problema latifundiário que é, sem dúvida, de difícil resolução, atendendo ao elevado número de proprietários desse terreno. No entanto, deve-se retomar as acções de informação e sensibilização junto desses detentores de terras, já iniciados em 1991. Dois desses proprietários, contactados em Novembro de 2000, mostraram-se muito receptivos à possibilidade de integração das suas terras na área da futura área protegida. Caso essas acções não vierem a ter sucessos, sugere-se uma outra abordagem que deverá consistir na substituição das actuais culturas de milho (*Zea mays*), batata-doce (*Ipomoea batatas*) e batata-comum (*Solanum tuberosum*) por espécies<sup>(1)</sup> cujas técnicas culturais permitam a recuperação, pelo menos em parte, da vegetação original desse espaço. Algumas espécies como *Tornabenea insularis* (Aipo/funcho), *Echium stenosphon* ssp.

---

<sup>(1)</sup>Essas espécies devem merecer o consenso entre os especialistas e os actuais agricultores e proprietários dos terrenos do “plateau” de Monte Verde.

*stenosiphon* (Língua-de-vaca) deverão propagar-se espontaneamente, enquanto que outras como *Aeonium gorgoneum* (Saião), *Nauplius daltoni* ssp. *vogelii* (Macelinha) e *Euphorbia tuckeyana* (Tortolho) merecerão algum apoio adicional que consistirá na recolha de sementes dos indivíduos que ainda existem nas encostas e a sua germinação em viveiros criados no próprio local. *Dracaena draco* (Dragoeiro) deverá ser re-introduzido no “plateau” a partir de plantação de “plantas jovens” provenientes de viveiros da ilha vizinha de Santo Antão.

A regeneração da vegetação original das encostas voltadas a noroeste e nordeste deverá pressupor, em primeiro lugar, o controle do desenvolvimento e propagação das espécies exóticas *Furcraea gigantea* (Carrapato) e *Lantana camara* (Lantuna) que actualmente ocupam, na sua quase totalidade, esses espaços. Esse controle consistirá na sua valorização, através da sua aplicação como matéria prima no fabrico de peças de artesanato (ver página anterior) e como combustível doméstico.

Deverão ainda ser desenvolvidas as seguintes acções:

1. Informação/formação e sensibilização, dirigidas aos proprietários das terras, agricultores e outros utilizadores das terras de Monte Verde, sobre a importância dessa área para S. Vicente e Cabo Verde;
2. Promoção de criação de viveiros para multiplicação de plantas autóctones;











## 4.2. RIBEIRA DE VINHA

**Estatuto de protecção proposto:** Parque Natural

**Justificação de estatuto de protecção proposto**

- Ribeira de Vinha teve, provavelmente, a melhor de todas as amostras de povoamento de *Tamarix senegalensis* (Tarafe), existentes em Cabo Verde;
- Os restos do povoamento original de *Tamarix* correm sérios riscos de desaparecerem para sempre de Ribeira de Vinha, devido à extracção desregrada de areia que neste momento se verifica na zona;
- *Tamarix senegalensis* consta da Primeira Lista Vermelha de Cabo Verde como espécie vulnerável (VU);
- Os tufos de *Tamarix* existentes na área constituem, sem dúvida, as melhores barreiras de retenção de areias transportadas pelos fortes ventos que assolam a ilha de S. Vicente;
- Os restos do povoamento original de *Tamarix* ainda constituem a mais importante cintura de vegetação autóctone da ilha, podendo vir a constituir um dos principais atractivos para o fomento do turismo baseado na natureza na Ribeira de Vinha.

**Localização geográfica:** Ribeira de Vinha localiza-se na parte N-NW da ilha de S. Vicente, entre as coordenadas 25° 00' 00'' e 25° 00' 30'' W e 16° 52' 00'' e 16° 53' 00'' N, a cerca de 1 km da Cidade do Mindelo.

**Delimitação indicativa da área proposta para protecção**

A área a ser protegida deverá englobar os restos do povoamento de tarafe, ainda existentes e os espaços do povoamento original, actualmente ocupados com agricultura e *Prosopis juliflora* (Acácia-americana).

### 4.2.1. Caracterização geral

Ribeira de Vinha está inserida entre as altitudes 30 e 130 metros, na zona árida. Trata-se de uma ribeira com um vale, essencialmente arenoso, de montante a jusante. Os seus solos são geralmente de texturas médias ou médias/grosseiras, com boa drenagem interna e influenciados, a jusante, pelo lençol freático salino, devido à acção das marés.

O vale da ribeira de Vinha está na sua quase totalidade ocupado pelo povoamento florestal de *Prosopis juliflora* (Acácia-americana) e *Tamarix senegalensis* (Tarafe). Apresenta, no entanto, algumas clareiras, abertas com o propósito de se extrair areias para construção civil.

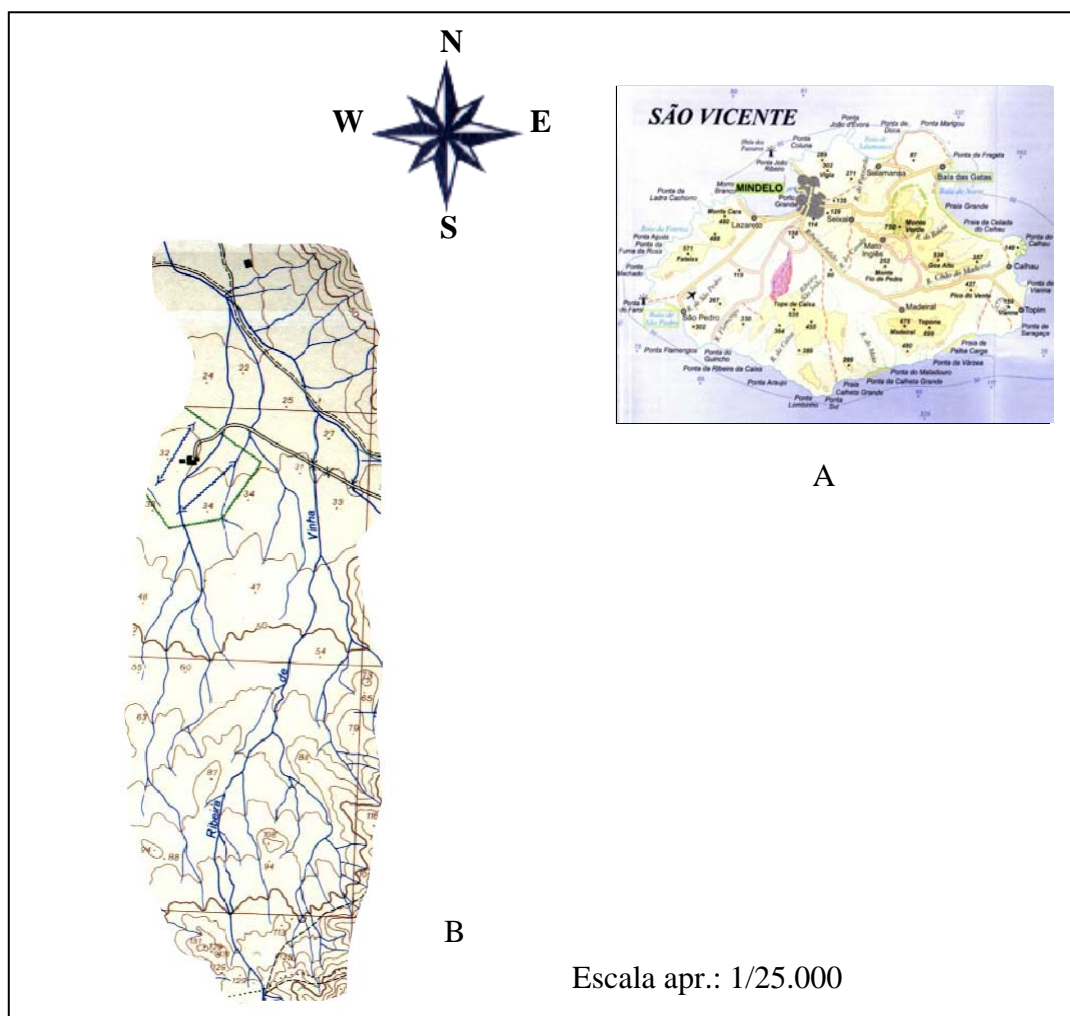


Fig. 4.2.1. A - Localização geográfica da Ribeira de Vinha na ilha de S. Vicente.  
B – Delimitação da Área de Ribeira de Vinha na carta topográfica  
1: 25000.

## 4.2.2. Recursos Biológicos

### Vegetação e flora

Ribeira de Vinha evidencia-se pelo seu povoamento de *Tamarix senegalensis* (Tarafe), espécie indígena de Cabo Verde, e *Prosopis juliflora* (Acácia-americana), espécie exótica, introduzida com o objectivo de se restabelecer o equilíbrio ecológico dessa área.

#### *Coberto vegetal original*

De acordo com a literatura (Diniz e Matos, 1994) e informações locais, o coberto vegetal da Ribeira de Vinha era quase exclusivamente constituído pelo povoamento de *Tamarix senegalensis* (Tarafe). Esse povoamento constituía autênticos matos, densos, com indivíduos que raras vezes ultrapassavam 3 metros de altura, e que se estendia desde a foz, na praia de Galé, até a montante da ribeira.

#### *Coberto vegetal actual*

O coberto vegetal original do vale da Ribeira de Vinha foi, em grande percentagem, destruído, com o propósito de se obter a lenha e disponibilizar terrenos para a prática de agricultura. Mais tarde, em finais da década 70, os espaços livres foram ocupados com a espécie exótica *Prosopis juliflora* que actualmente ocupa a maior superfície da ribeira. O povoamento de tarafe está restrito a uma área que não deve ultrapassar a 1 hectare. Algumas parcelas do povoamento estão completamente ocupadas pela *Prosopis juliflora* que já se propaga espontaneamente no local.

### 4.2.3. Acções antrópicas sobre o povoamento de tarafe (*Tamarix senegalensis*)

As acções do homem sobre o povoamento de tarafe (*Tamarix senegalensis*) vêm-se manifestando de forma directa, através de depredação dos espécimes (exemplares de tarafe) para a lenha, e de forma indirecta, a partir de introdução de espécies exóticas, particularmente, *Prosopis juliflora*, e extracção de areia para construção civil. A extracção de areia do povoamento representa o maior perigo para a sobrevivência do povoamento. Foi destruído, nos 2 últimos anos, uma parcela, antes coberta por *Tamarix senegalensis* e *Prosopis juliflora*, estimada em 600 m<sup>2</sup>. A presença em massa de *Prosopis juliflora* no local representa um outro perigo para a continuidade do tarafe na área. Durante a última visita efectuada ao povoamento, não só se reconfirmaram as informações da literatura sobre a propagação espontânea de Acácia-americana, como também se constatou a acção agressiva que essa espécie vem exercendo sobre tarafe, chegando, nalguns casos, a atrofiar o desenvolvimento dessa espécie. A ausência de planificação das acções de (re)florestação das clareiras do povoamento poderá ser apontada como a principal razão dessa situação.

### 4.2.4. Razões e acções imediatas de conservação

O povoamento de *Tamarix senegalensis* (Tarafe) da Ribeira de Vinha é actualmente o único existente na ilha de S. Vicente. *Tamarix senegalensis* é a única espécie arbórea, representante da família *Tamaricaceae*, existente em Cabo Verde. Todas as populações desta espécie, existentes noutras ilhas, designadamente, Boavista, Maio, Sal, Santo Antão e Santiago, sofreram, nos últimos tempos, uma drástica diminuição, razão pela qual a espécie consta da

lista de “Espécies Vulneráveis-VU” da “Primeira Lista de Cabo Verde”. Para além da sua reconhecida importância no combate à erosão eólica, *Tamarix senegalensis* já desempenhou um papel muito importante na ilha de S. Vicente, na produção do carvão e como fonte de combustível para o funcionamento das padarias. Com a modernização das padarias a lenha desta espécie deixou de ser utilizada. No entanto a pequena parcela que ainda resta do povoamento original de *Tamarix* continua ainda a constituir uma barreira viva de retenção de areias arrastadas pelos fortes ventos que à semelhança de outras zonas da ilha, fustigam Ribeira de Vinha. Convém ainda realçar a importância estética deste povoamento para a ilha de S. Vicente, podendo esse valor funcionar como atractivo para o fomento de turismo baseado na natureza. Assim, torna-se indispensável a conservação dos restos do povoamento original da espécie, devendo a materialização desse objectivo englobar as seguintes acções, enumeradas por ordem de prioridade:

1. Informação, formação e sensibilização dirigidas dos camionistas de S. Vicente que actualmente extraem areias do povoamento para construção civil;
2. Identificação de outras zonas produtoras de areia de construção civil onde a extracção represente um menor perigo para o equilíbrio ambiental;
3. Regulamentação da Legislação já existente;
4. Delimitação da área do povoamento original;
5. Multiplicação de espécimes (indivíduos), em viveiros e sua fixação no terreno;
6. Eliminação dos espécimes (indivíduos) de *Prosopis juliflora* do povoamento que estejam a impedir o desenvolvimento de *Tamarix*.